

## **PÓS-VERDADE E PANDEMIA: Uma distopia em Slavoj Žižek e Matthew D’Ancona**

Merielle do Espírito Santo Brandão<sup>34</sup>

### **Resumo**

Este artigo tem como objeto de conhecimento a pós-verdade no cenário atualíssimo da pandemia e a estruturação de um contexto distópico em meio a interesses políticos, a era da informação e o acesso as ferramentas da tecnociência. O entendimento das novas regras do descrédito da ciência, a linguagem (*modus operandi*) fascista, a pandemia e invalidade dos fatos mediante *fake news* que configuram a crise epistemológica e política difusa, serão analisados sob uma perspectiva crítica. Para isso, buscaremos através de prismas filosóficos em Slavoj Žižek e nos fatos jornalísticos, fundamentais ao pensamento da história futura, em Matthew D’Ancona e demais pensadores sondar esta realidade contemporânea configurada no estatuto do “novo normal” da pós-verdade em meio a uma pandemia mundial e a realidade factualmente distópica.

**Palavras-chave:** Pós-verdade; Pandemia; Distopia.

### **Abstract**

This article has as its object of knowledge the post-truth in the very current scenario of the pandemic and the structuring of a dystopian context amid political interests, the information age and access to the tools of technoscience. The understanding of the new rules of the discredit of science, the fascist language (*modus operandi*), the pandemic and invalidity of facts through fake news that configure the epistemological and diffuse political crisis, will be analyzed from a critical perspective. For that, we will search through philosophical prisms in Slavoj Žižek and in the journalistic facts, fundamental to the thought of the future history, in Matthew D’Ancona and other thinkers to probe this contemporary reality configured in the status of the “new normal” of the post-truth amid a worldwide pandemic and the factually dystopian reality.

**Keywords:** Post-truth; Pandemic; Dystopia.

### **Introdução**

Desde o século XX, algumas narrativas da modernidade vêm sendo desafiadas em um cenário que, além de controverso e multifacetado, inaugura a possibilidade da ultra *tekhné* e da informação; logo, o virtual, o *mass media*, o *input* são fatores fulcrais de inserção do sujeito no “admirável mundo novo” da tecnociência, da realização do silício e também da crise do carbono, o moderno; e de fato, das crises estruturais de conceitos antes intocáveis.

---

34Graduada em Filosofia pela Universidade Federal de Alagoas – UFAL. Mestra em Filosofia Moderna e Contemporânea pela Universidade Federal De Sergipe – UFS. Especialização em Filosofia e Educação pela Universidade Federal de Alagoas – UFAL. Doutoranda em Filosofia do Conhecimento e Linguagem pela Universidade Federal De Sergipe – UFS. E-mail: meriellebrandao@gmail.com.br.

Ciência, verdade, realidade racionalizada, realidade existencial, o sujeito, dentre outros conceitos engendrados nas luzes, chocam-se a uma velocidade de um click e, em fragmentos, decompõem-se em múltiplas facetas, formando um campo vasto só possível nos devires contingentes e em uma realidade típica do interior de um acelerador de partículas. O choque, o estarrecimento, a contramão, os dados fluidos, a liquidez, o fluxo contínuo e vertiginoso do mundo ao alcance de “todos” e, ao mesmo tempo, fugaz aos olhos de quem o alcança, não tange só o pensamento pós-moderno, antes sim, a realidade se efetiva nos acontecimentos.

É dentro dessa enxurrada de probabilidades e em um terreno já pantanoso, que recentemente, também alcançamos o descrédito das instituições, abalos nos discursos políticos, um fantasma do passado na política mundial retornando em novas faces de uma estrutura velha e decadente e é, da mesma forma, dentro das crises epistemológicas humanas e das instituições que, por fim, alcançamos um desequilíbrio natureza-homem ou, buscamos encarar o fato de uma natureza mais ativa e vívida que aquela bem disposta à serventia da modernidade.

A ironia se perfaz entre o ápice da técnica e o caos da ciência, na mesma via de mão única. Com a pandemia, o agora é uma realidade sempre possível – a realidade do poder letal da natureza e nossa parte integrante e suscetível a esta – contudo, anunciada por um “Coro de Cassandras”. Na mitologia grega, Cassandra era filha de Príamo e conduzia em si o poder da adivinhação, por possuir “o dom da profecia. Apesar de não ser ouvida, todas as suas profecias se cumpriam veementemente.”<sup>35</sup> A narrativa mitológica conta que:

“para seduzi-la, [Apolo] ofereceu-se para ensinar-lhe a adivinhação. Cassandra aceitou, mas tão logo se viu instruída não quis ceder ao desejo de Apolo. Este, por despeito, cuspiu-lhe na boca, privando-a com isso não da ciência, mas do dom da persuasão. E apesar da pobre Cassandra fazer as mais verídicas profecias, ninguém lhe dava crédito” (GRIMAL, 2009, p. 28, grifo nosso).

Portanto, por mais assertivo que fosse o coro, esperava-se o improvável não-acontecimento. Da mesma forma, o sujeito contemporâneo sofre de subestimação do poder da natureza, um misto de negação e arrogância, que anuncia nosso falimento mediante tal poder:

“A epidemia viral nos lembra do caráter em última instância contingente e desprovido de sentido de nossas vidas. Não importa quão magníficos são os edifícios espirituais que nós, humanidade, somos capazes de produzir, uma contingência natural estúpida como um vírus ou um meteoro pode acabar com tudo de uma só vez” (ŽIŽEK, 2020, pp. 27-28).

---

35 Ver, GRIMAL, Pierre. *Mitologia Grega*. Tradução: Rejane Janowitz. Editora: L&pm, 2009. p. 28. grifo nosso.

Deste modo, é ainda no ano de 2019 que a contingência natural se faz presente na província de *Hubei*, em *Wuhan*, na República Popular da China, e a partir de onde o presente se efetivaria. A síndrome respiratória aguda (SARS-CoV-2) causada por um vírus (o inimigo invisível), desembocaria no que em 11 de março de 2020 a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarava como uma pandemia de COVID-19 já em curso.

Posta a realidade entre pós-verdade e pandemia e as crises de narrativas modernas, descréditos, esfacelamento da verdade, histerias, delírios coletivos e fantasmas obscurantistas totalitários; como foco deste trabalho buscaremos pensar sobre a realidade atualíssima do cenário pós-verídico e pandêmico, bem como às implicações da crença em detrimento da ciência. Para isso, as contribuições jornalísticas do inglês Matthew D'ancona sobre a pós-verdade no livro *Pós-verdade - a nova guerra contra os fatos em tempos de Fake News*<sup>36</sup> (2018) e a realidade pandêmica a partir de críticas específicas do filósofo esloveno Slavoj Žižek no mais recente livro *Pandemia – Covid-19 e a reinvenção do comunismo*<sup>37</sup> (2020), serão abordadas neste trabalho – galgando uma visão da possibilidade de um “novo normal” que nos remete a cada noticiário ou na própria realidade vivida, a um contexto histórico aparentemente distópico.

### **A distopia da pós-verdade: bem-vindos ao “novo normal”**

Se a escrita sobre uma realidade atualíssima sempre cai no vão da probabilidade do fervor dos fatos, por falta de distanciamento histórico, esse artigo buscará tecer os pontos de vista específicos e atuais da visão jornalística – os quais servirão em um futuro próximo como

---

36 “Publicado no Brasil em 2018 pela Faro Editorial, o livro *Pós-verdade: a Nova Guerra Contra os Fatos em Tempos de Fake News*, reflete a crescente tendência por pesquisas voltadas à compreensão de fenômenos potencializados com o advento da Web 2.0. O autor, Matthew D'Ancona, é jornalista e nasceu em 1968, no sul de Londres. Sua trajetória no jornalismo foi iniciada em 1991 e ascendeu através da atuação em veículos como The Guardian, London Evening Standard, GQ, The New York Times, Index on Censorship, The Times, The Sunday Telegraph, The Spectator e Prospect.” FIRMINO, Thaís; FIRMINO, Thaianne. *Resenha: Pós-verdade - a nova guerra contra os fatos em tempos de Fake News*. Publicado em Revista Passagens do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará. Volume 9, nº 1, ano 2018, p. 225.

37 “Nesta obra, escrita em plena quarentena, o filósofo esloveno Slavoj Žižek, mergulha de cabeça no espírito de nossa época. Ao longo de treze ensaios de escrita rápida, afiada e bem-humorada, são destrinchados diferentes aspectos do surto provocado pelo novo coronavírus: filosóficos, psicanalíticos, políticos, sociais, econômicos, ecológicos e ideológicos. Quando governos austeros, reconhecidos por cortes implacáveis nos gastos públicos, decidem subitamente gerar trilhões, Žižek demonstra como uma nova forma de comunismo pode ser a única maneira de evitar uma descida à barbárie global. Escrito com seu conhecido estilo irreverente e o gosto do autor por analogias da cultura *pop* (Tarantino, Hitchcock e H. G. Wells flertam com Marx, Hegel e Lacan nestas páginas), este livro fornece fotogramas concisos e provocativos da crise à medida que ela se alastra e engole todos nós.” Disponível em: <<https://www.boitempoeditorial.com.br/produto/pandemia-covid-19-e-a-reinvencao-do-comunismo-960>>.

material histórico – em D’Ancona, no seu livro escrito em 2018 e uma necessária análise filosófica e crítica da pós-verdade e pandemia em Žižek em seu recente livro sobre o tema. Suscitando não só uma revisão da literatura, mas também acrescentando pontos de vista sobre outros prismas, análises e críticas.

De fato, entre 2018 e 2020 muita coisa aconteceu e, dada a velocidade dos tempos citados na introdução, “a velocidade de um click”, as percepções vertiginosas de um mundo igualmente vertiginoso nos traz uma gama de fatos históricos retalhados e, ao mesmo tempo, interconectados. Temos então o que um cenário até então imerso em um “novo normal” se construía, contudo, é na pandemia que comumente se anuncia essa novidade. Se a pós-verdade é o “novo normal”, a pandemia mostra sua pior face com o peso do adoecimento global na era da pós-verdade e o descrédito na ciência. O caos da ciência moderna por um triz estaciona a verdade em uma via crítica onde a negação é a doença da cegueira cognitiva (a doença a-epistemológica) em um ano de doença natural. O delírio coletivo é também uma nova regra, parte fundamental da crise cognoscente do sujeito cognoscível, logo, estamos doentes e renegados da verdade na plenitude da tecnociência informativa, estamos mediante um “novo normal” distópico.

Quando pensamos em distopia encontramos uma guisa literária como referência. No crivo da imaginação criativa é ainda difuso para qualquer leitor formular em seu imaginário como seria um mundo absurdamente inverso na vida real. Ao pensar no termo logo remete-se a algo que só é possível na imaginação; porém, se averiguarmos, não é exatamente tão distante falar em distopia no cenário atualíssimo que o mundo se encontra. De modo breve, vale ressaltar que “etimologicamente, “distopia” e “utopia” provêm da palavra grega τόπος e, a mesma, refere-se a “lugar”. De τόπος (lugar) surge a junção com a partícula negativa “u” a partir do filósofo [...] Thomas Morus (1478-1535) – que em 1516 escreve [sua obra] *Utopia*. Assim, a palavra utopia passa a significar [...] “não-lugar”, ou, um “lugar-nenhum”.<sup>38</sup> Contudo, é:

“Em 1868 pensando [em] uma inversão de valores utópicos de Thomas Morus, [...] o filósofo e economista John Stuart Mil, em um discurso para o Parlamento Britânico, cita a palavra “Dystopia”. [...] A saber, agrega-se a nova partícula: δυο (“dis” ou “dys”), que significa “dor”, “infelicidade”, dando novo sentido à palavra grega τόπος (lugar). Deste modo se estabelece à palavra “distopia” para designar um lugar em condição nefasta ou situação de infelicidade (“lugar-ruim”, ou, “lugar-infeliz”) – contrapondo-se a “utopia” (SAVANA; AZEVEDO, 2019 [Obras educacionais], pp. 186-187, grifo nosso).

38 Ver BRANDÃO, M. E. A.; SPINELLI, C. H. A. Educação e Distopia: o ideário pedagógico kantiano na suplantação de realidades distópicas. Em *Obras educacionais: A realidade da educação pela perspectiva de quem entende e convive diariamente*. 1. ed. Maceió. Editora: Atitude impressa, 2019. p. 186. grifo nosso.

Este “lugar-infeliz” e inverso foi narrado como gênero literário diversas vezes e em modo um tanto quanto profético. Em 1984, William Gibson publicou o romance distópico de ficção científica conhecido como *Neuromancer*. O livro é publicado em um ano sugestivo, tal qual George Orwell anunciara um estabelecimento de uma sociedade controlada pelo “O Grande irmão” das telas no seu livro *1984*. Em Orwell uma distopia se estabelece também a partir do *mass media*, onde, em um estado de controle pelas telas, o governo *Big Brother* rege, observa e manipula a população. No clássico de Orwell, algumas ferramentas de controle estão ligadas ao surgimento de uma realidade baseada na negação da verdade; a exemplo, temos na obra de Orwell o que ele chama de “Ministério da Verdade”. No Brasil, em um artigo jornalístico político do Partido Democrático Trabalhista (PDT), o professor, advogado e ex-presidente da Comissão de Direitos Humanos da OAB-Bahia, Eduardo Rodrigues de Souza, escreve que:

“O Ministério da Verdade se ocupa de notícias, entretenimento, educação e cultura, sendo o responsável pela falsificação de documentos, escritos variados e mesmo literatura que pudessem servir de referência ao passado. A ideia das alterações nesses escritos é fazer com que tudo sempre condiga com o que o Partido diz ser verdade. Isso mesmo, o Ministério da Verdade é encarregado, no livro de Orwell, a modificar a história passada de modo a deixá-la de acordo com a vontade daquele que está no poder. Uma das formas de fazer isso é a mudança de significados das palavras, em uma tática de renovação da língua e seus significados que foi batizada de “novilíngua. [...] Ao que parece, o Brasil dará mais um passo a caminho da concretização do roteiro do livro referencial de George Orwell. Em entrevista ao site Valor, no dia 03 de abril, o ministro da Educação, Ricardo Vélez Rodríguez, diz que “haverá mudanças progressivas” nos livros didáticos para “que as crianças possam ter a ideia verídica, real” do que foi a sua história. [...] O ministro se referia à maneira como o golpe militar de 1964 e a ditadura são retratados nas escolas. Ao negar a história, o ministro, que já esteve envolvido em outras polêmicas, diz que não houve ditadura, mas um regime democrático de força, e que a Constituição da época foi seguida. [...] Ao tentar reeditar a história, o ministro mostra, mais uma vez, o caráter autoritário das ações do Governo Federal atuante no País. Seguindo o roteiro orwelliano, constrói um ministério que se encarrega de modificar a história passada para que fique ao gosto dos governantes, um Ministério da Verdade à brasileira. Como se vê, o livro do escritor inglês, lançado em 1949, está completamente atual. Bem-vindos a *1984!*” (SOUZA, 2019, p. 01).

A ironia destes ministérios, o da verdade de Orwell e o da Educação no Brasil, é justamente o fato do estabelecimento do compromisso com a mentira. Na distopia de Orwell o ministério tem, na figura do personagem principal do livro Winston Smith (o qual diferente do ex-ministro da educação (de 1º de janeiro a 8 abril de 2019), Ricardo Vélez Rodríguez, produzia um trabalho apático e instrumental), um falsificador de registros históricos. Essa prática comum do(s) ministério(s) é usada como método de negação não só da história, mas

também como meio de criação de uma realidade paralela, totalmente alienada e desamparada da verdade. Na obra *1984* temos então um estabelecimento de uma pós-verdade como meio de validação do governo totalitário do ditador das “teletelas” – e qualquer semelhança com a atualidade não é mera coincidência.

Ao passo que, em Orwell, temos uma distopia de cerceamento do acesso à verdade, como também temos em outros clássicos dessa mesma natureza como *Fahrenheit 451* (1953) de Ray Bradbury e *Admirável mundo novo* (1932) de Aldous Huxley; no romance mental de Gibson, temos um contexto diferente, todavia também adepto à nossa realidade. Já na obra *Neuromance*, Gibson nos apresenta uma distopia sobre um delírio coletivo digital no qual o mundo inteiro hiperconectado adentra em um “paraíso virtual” para ter acesso a tudo e com a possibilidade de tudo conhecer. Neste caso, não é o impedimento e sim o esgotamento mental quando se tem o acesso a uma gama de informação e em uma velocidade imensa. Em Gibson, a ameaça é individual no poder da troca do mundo real pelo virtual com um “paraíso” de dados verídicos disponíveis, mas exauridos pela quantidade de verdades acessáveis virtualmente através dos aparelhos da era da informação. “Eles encontraram seu paraíso, um “paraíso de pirata”, na periferia bagunçada de uma grade acadêmica de nível baixo de segurança. À primeira vista, parecia o tipo de grafite que operadores universitários às vezes deixam nas junções de linhas de grade, grifos tênues de luz colorida que tremeluziam contra os contornos confusos de uma dezena de faculdades de letras.”<sup>39</sup>

A única falha da distopia de Gibson consiste no fato de que ele se apercebe de uma ideologia por trás desse mundo hiperconectado – como se as ferramentas de produção desta realidade tivessem um caráter autorreferencial e dissociados de interesses. No entanto, a pontualidade dos fatos narrados no livro com a nossa atualidade podem ser conferidos mediante um espectro de mundo atual paradoxal, antes visto apenas na literatura: o acesso à verdade é livre, o condicionamento a este acesso não; o acesso à verdade é facilmente alcançável, todavia a produção da informação possui um perfil desgastante. Para além, no mundo real que beira a ficção a verdade hoje também sofre do subproduto da negação (como em Orwell): o campo “confortável” e obscuro das *fake news*.

## **Pós-verdade, pandemia, distopia**

---

<sup>39</sup> Ver, GIBSON, William. *Neuromancer*. São Paulo: Editora Aleph, 1991. p. 76.

Há um debate claro na história da filosofia sobre *Aletheia* e, ainda muito antes da tríade grega clássica, quando o conceito é pensado em virtude do homem da pólis aliado à bondade e à beleza e serviam de pilares fulcrais os quais o homem deveria se guiar. Nos primeiros princípios da acepção em Homero, como cita Corazzon: “A noção homérica de *Aletheia* que emerge de examinar seus usos, é precisamente a mesma, com a mesma força e sabor, que a consagrada no juramento tradicional ou na afirmação solene exigida de uma testemunha em processos judiciais: *dizer a verdade, toda a verdade e nada além da verdade*”<sup>40</sup>. Também é passível de compreensão um alcance da *Aletheia* no modo de princípio da identidade do pré-socrático Parmênides: o que é, é; e o que não é, não é. Que depois em Platão, no diálogo *Crátilo*, o filósofo afirma: “Verdadeiro é o discurso que diz as coisas como são; falso é aquele que as diz como não são” (Crat., 385 b; Sof., 262 e; Fil., 37 c).

Dito isto, de fato, se nos debruçarmos sobre a verdade na história da filosofia desde o conceito próprio de *Aletheia* grego, passando pela epistemologia da modernidade e os conceitos de verdade do contemporâneo onde a busca pela resposta “O que é a verdade?” ainda se perfaz; iremos traçar diversos pontos de vista, no entanto, obedecendo a um núcleo duro resistente necessário: a verdade é aquilo que corresponde à realidade e por realidade entende-se os fatos reais; como cita Karl Popper sobre a correspondência entre verdade e realidade: “Uma teoria ou uma proposição é verdadeira, se o estado de coisas descrito pela teoria corresponde à realidade.”<sup>41</sup> Se a verdade é aquilo que por correspondência é a realidade, o fenômeno decadente da pós-verdade não é o que está para além da verdade e sim aquilo que surge de pior quando a verdade não é mais fundamental e válida, a mentira – é assim que o cenário da pós-verdade desemboca em uma realidade distópica.

No prefácio do livro: *Pós-verdade - a nova guerra contra os fatos em tempos de Fake News*, Matthew D’Ancona define as razões do livro e, em como assistimos tudo de olhos atentos ao que ele chama de “momento cauteloso”. Um momento atento que não deve ser pensado por vias da histeria – apesar da presunção de histeria; porém, um momento em que “da mesma forma, não é hora de ser otimista ou ter a confiança presunçosa de que aquilo que chamamos de pós-verdade seja apenas a última moda sobre a passarela intelectual, que desaparecerá espontaneamente na insignificância”.<sup>42</sup>

Apesar do receio e ao mesmo tempo uma alerta a não-histeria, D’Ancona atenta em seu livro a uma carta de George Orwell numa menção ao medo do discurso da pós-verdade

---

40 Ver, PETER; MICHEL et al. (eds.), 2018, *Post-truth, Fake News: Viral Modernity and Higher Education*. Springer, Singapore, p. 04.

41 Ver, POPPER, Karl. Sobre conhecimento e ignorância. 1984.

42 Ver, D’ANCONA, 2018. p. 15.

como ferramenta do fascismo – Orwell assistiu atônito ao sucesso da propaganda fascista e seu alcance aterrorizante. A carta citada, mostra um Orwell em que, pelo tom da escrita e do medo sobre o fenômeno da mentira crescente, anuncia também o que o jornalista chama de início da era da pós-verdade. Na mesma linha do medo de Orwell ao fascismo e ao uso de um sentimento muito mais ligado à crença e à emoção que as evidências da verdade e da razão, em um artigo intitulado “A verdade em um mundo de pós verdade”, Michel Lynch, reafirma sobre Orwell, atentando que “George Orwell enfatizava que sem a ideia de verdade não é possível resistir ao poder, pois sem uma ideia de verdade a crítica política se converte em uma expressão de sentimentos, em algo que não pode ser justificado nem rebatido pela evidência”<sup>43</sup>

Desta forma, o temor que tem início ainda na década de 1930 posteriormente é visto no capítulo I em D’Ancona como a chegada definitiva da era da pós-verdade em 2016 (“Não por acaso, em 2016, o *Oxford Dictionaries* escolheu “pós-verdade” como sua palavra do ano”) com dois destaques para a política mundial e a correlação com o tema: o BREXIT e a eleição do 45º presidente norte-americano, Donald John Trump. Para Orwell havia uma “sensação de que o próprio conceito de verdade objetiva está desaparecendo do mundo. Afinal, há chances de essas mentiras, ou em todo caso mentiras semelhantes, passarem para a história.”<sup>44</sup> O temor de Orwell se justifica, o fascismo não só recorre a uma linguagem própria, como lembra-se Humberto Eco em seu livro *O fascismo eterno* (1997), como também se solidifica com uma aversão a história e a veracidade dos fatos, fazendo da mentira uma marca inversa e infelizmente também histórica; visto que é comum ao *modos operandi* do fascismo a ascensão por meio da falsa linguagem.

Disto isto, estaríamos em retorno ao fascismo e por má sorte também expostos a um golpe da natureza? A crise da verdade é a possibilidade do fascismo? O produto de todo esse contexto vigente estreia com a pós-verdade e as notícias falsas um método de linguagem “nazi-fascista” que incita o descrédito na ciência? E em uma perspectiva minimamente otimista, o *crash* mais marcante do contemporâneo se dará na reinvenção de um mundo mais justo? O limiar tecnocientífico é uma reformulação do acesso à verdade? As perguntas e as possibilidades são inúmeras, no entanto, pensemos uma conexão caótica dos fatos, uma vez que a guerra contra a verdade se efetiva não só na vazão da razão, todavia também como brinquete político:

---

43 Ver, LYNCH, Michael. A verdade no mundo da pós-verdade, 2016.

44 Trecho retirado do ensaio “Recordando a guerra civil”, do livro *Lutando na Espanha*, de George Orwell, tradução Ana Helena Souza, Editora Globo. Original de 1938 e tradução de 2006.



“Entramos em uma nova fase de combate político e intelectual, em que as ortodoxias e instituições democráticas estão sendo abaladas em suas bases por uma onda de populismo ameaçador. A racionalidade está ameaçada pela emoção; a diversidade, pelo nativismo; a liberdade, por um movimento rumo à autocracia. Mais do que nunca, a prática da política é percebida como um jogo de soma zero, em vez de uma disputa entre ideias. A ciência é tratada como suspeição, às vezes, franco desprezo (D’ANCONA, 2018, p. 19).

Do que define D’Ancona como o início da pós-verdade até o momento em que carecemos fielmente da verdade – política mundial, retorno a extremismos, inimigo natural – e de fato a atualíssima pandemia em meio à negação, a linha não só é tênue quanto controversa.

Em *Pandemia – Covid-19 e a reinvenção do comunismo*, numa tentativa de encarar o ataque viral como uma necessária hostilidade natural positiva onde o mundo se inteirará da nossa hiperconexão como fator social, Žižek também está pensando os boatos, o pânico e a linha tênue entre realidade e uma realidade simbólica (onde para Žižek, por influência da psicanálise, a vida se efetiva) que necessariamente merece ser ressignificada. Apesar do tom pouco científico e muito mais filosófico-ideológico, o capítulo de entrada do livro de nome: “vírus da ideologia”, parece haver uma tentativa de pensar um para-além do mundo pandêmico no filósofo esloveno:

“Uma coisa é certa: isolamento, novos muros e mais quarentenas não resolverão o problema. Precisamos de solidariedade incondicional e de uma resposta globalmente coordenada, uma nova forma daquilo que certa vez se chamou de comunismo. Se não orientarmos nossos esforços nessa direção, a Wuhan de hoje talvez venha a ser a imagem da cidade de nosso futuro. Muitas distopias já imaginaram um futuro semelhante: ficamos em larga medida em casa, trabalhamos de nossos computadores, nos comunicamos via videoconferência, nos exercitamos em aparelhos no canto de nosso home office ocasionalmente nos masturbamos em frente a uma tela exibindo sexo explícito e encomendamos comida a ser entregue em casa” (ŽIŽEK, 2020, p. 13).

Apesar da negação ao isolamento, fator fulcral de contenção do Covid-19, e tal negação acontecer insanamente em nome do “vírus ideológico”, o filósofo esloveno destaca um imaginário distópico em meio a esse caos. Žižek recorre ao entendimento claro a todos de que o desenrolar de uma vida contemporânea se estabelece quase que de perfil verossímil entre virtual e real. Produzimos ferramentas tecnológicas que por sua vez produzem o ambiente da disseminação e acessibilidade das *fake news*; que por conseguinte podem ser causa, também, da exaustão entre verdades, informações e dados hiperconectados, como em *Neuromancer*. Da natureza, tema agora recorrente, malogramos toda sorte de sermos ainda e apenas, corpo suscetível às intempéries da mesma: o “desenvolvimento tecnológico nos torna

mais independentes da natureza e, ao mesmo tempo, em outro patamar, mais dependentes dos caprichos da natureza.”<sup>45</sup> Essa interdependência nos faz um tanto quanto mais virtuais, mas de dimensões que se fundem também ao real:

“Talvez apenas a realidade virtual seja considerada segura, e se deslocar livremente em um espaço aberto se torne algo reservado às ilhas privativas dos ultrarricos. Mas mesmo no nível da realidade virtual e da internet, vale lembrar que nas últimas décadas os termos “vírus” e “viral” foram usados principalmente para designar fenômenos digitais que estavam infectando nosso espaço virtual e dos quais não estávamos cientes, ao menos não até que seu poder destrutivo (digamos, de corromper nossos dados ou torrar nossos HDs) eclodisse. O que estamos testemunhando agora é um retorno massivo ao significado literal originário do termo. As infecções virais operam de mãos dadas em ambas as dimensões, real e virtual (*Ibidem*, 2020, p. 32).

Essa imersão ao virtual não só transforma o contexto da verdade e sua acessibilidade, mas reconfigura em uma realidade pandêmica a negação tanto da informação em grande quantidade quanto da própria verdade em si e a quem é acessível. Quando diversas questões de divulgação de dados e verdades estão alcançáveis a milhares de acessos, a guerra entre verdade *versus* fake news (ou negação) se torna inclusive jogo de estratégia política. D’Ancona relata essa prática quando lembra em seu livro que o secretário de imprensa da Casa Branca em entrevista um dia após a posse, afirmou que a cerimônia de Donald Trump foi a maior já vista e assistida “presencialmente e em todo o mundo, ponto-final.”<sup>46</sup> Além da informação falsa, há o apelo midiático na construção da imagem positiva de Trump logo nos primeiros dias de governo (da mesma forma que na campanha presidencial), que está muito mais para animador entre o meio termo de um *freak show* e um *stand up* de mau gosto, que para presidente de uma das nações ainda potentes do mundo – um verdadeiro “American Horror Story”.<sup>47</sup>

A saber, o terror midiático apelativo se torna parte da construção de governos como os de Trump e os fatos jornalísticos, os quais serviriam como material histórico futuro, são afetados também pela apelação. D’Ancona aponta que:

“Em dezembro de 2016, Scottie Nell Hughes, comentarista de tendência conservadora, sustentou que a percepção era tudo o que contava. “Em toda a campanha, uma coisa interessante de observar é que as pessoas dizem que fatos são fatos. Não são realmente fatos”, ela afirmou no programa The Diane Rehm Show, da National Public Radio. “É como analisar índices de audiência ou um copo de água

---

45 Ver, ŽIŽEK, 2020, p. 16

46 Ver, D’ANCONA, 2018, p. 23.

47 Seriado de TV estadunidense sobre histórias de terror típicas da América do Norte. Disponível em: <<http://www.adorocinema.com/series/serie-10001/>>. Acesso em: 10/08/2020.

cheio pela metade. Todos têm uma maneira de interpretá-los como verdade ou não verdade. [e conclui]: Infelizmente, fatos não existem mais” (D’ANCONA, 2018, [Pós-verdade – a nova guerra contra os fatos em tempos de Fake News], p. 24, grifo nosso).

O posicionamento da jornalista-comentarista da CNN Scottie Nell Hughes escancara de modo nietzscheano: “Não há fatos, apenas interpretações”, o novo modelo de política a qual a pós-verdade não é apenas aliada, antes sim é modelo de apelação necessária para esta nova configuração.

Em Žižek há o relato da mesma forma de estratégia política, contudo acontecida na Rússia. Em uma reportagem feita pela BBC News sobre um quadro da rede de televisão russa com foco em teoria da conspiração e Covid-19, a BBC pontua o interesse por trás da propagação da conspiração. O artigo jornalístico (de tradução livre) inicia-se com a informação de que “o surto de coronavírus na China forneceu um terreno fértil para teorias da conspiração e desinformação na web em toda parte, mas na Rússia elas estão sendo espalhadas em programas de notícias do horário nobre.”<sup>48</sup>

“Um caso escancarado de boataria se deu em uma das principais redes televisivas russas, a Channel One, que lançou um quadro regular dedicado a teorias da conspiração a respeito do coronavírus em seu principal noticiário noturno, Vremya [Tempo]. O estilo da reportagem é ambíguo: ao mesmo tempo que parece refutar as teorias apresentadas, deixa os telespectadores com a impressão de que elas contêm um fundo de verdade. A mensagem (elites ocidentais ocultas e especialmente os Estados Unidos são de alguma forma os grandes responsáveis pela epidemia do coronavírus) é assim transmitida como um boato duvidoso: é tudo doido demais para ser verdade” (ŽIŽEK, 2020, p. 21).

No entanto, mesmo com o entendimento pleno do que chama de ‘boataria’, Žižek de modo duvidoso conclui: “A suspensão da verdade efetiva estranhamente não elimina sua eficácia simbólica. Além disso, tampouco devemos descartar a possibilidade de que, às vezes, não contar toda a verdade para o público pode efetivamente evitar uma situação de pânico que poderia, por sua vez, acarretar um maior número de vítimas.” (*Ibidem*, 2020, p. 21). É claro aqui que o fator pós-verdade fica como dito anteriormente, também na esfera da estratégia política. D’Ancona lembra-se que a questão da “mentira é parte integrante da política desde que os primeiros seres humanos se organizaram em tribos. [E que] Platão atribuiu a Sócrates a noção de “nobre mentira”: um mito que inspira a harmonia social e devoção cívica. No

---

48 “Coronavirus: Russian media hint at US conspiracy”, *BBC News*, 7 fev. 2020. Disponível em: <<https://www.bbc.com/news/world-europe-51413870>>. Acesso em: 10/08/2020.

Capítulo XVIII de O Príncipe, Maquiavel recomenda ao governante ser “um grande fingidor e dissimulador”. (D’ANCONA, 2018, p. 32, grifo nosso).

Apesar do recurso ao fingimento ser engrenagem política, o caos distópico que nos encontramos se assenta não só na possibilidade da negação, mas da reformulação da verdade em mentira e com chances largas de que a mentira e a negação sejam aceitas, afinal, “a pós-verdade também vende”<sup>49</sup>, e vende no artifício do apelo, na emoção, no delírio coletivo e portanto nos mercadores de atenção; os quais no jogo político da atualidade tem grande poder e influência.

O recurso ao apelo que tem como modelo o mesmo recurso da autopromoção em perfis de redes sociais, atinge a produção do saber e a política mesclando inclusive fatos com irrealidades e deturpando a verdade em todas as suas instâncias, inclusive na verdade por correspondência citada anteriormente. Em D’Ancona: “os sites corporativos e a mídia social tratam com desdém os jornais impressos ou a grande mídia, considerando-os a voz desacreditada de uma ordem “globalista”; uma elite liberal”, cujo tempo já passou. [...] “Ouse saber” foi o lema proposto por Immanuel Kant, para o Iluminismo. O congênere de hoje é: “Ouse não saber”.”<sup>50</sup> A saber, as definições de um mundo no modelo político entre fascismo e redes interconectadas da tecnociência produz uma simulacro de mundo, onde o paralelo/virtual não atende apenas a um ritmo histórico, todavia a interesses capitais, políticos, econômicos e de alienação. Para isto, é fulcral um modelo distante da realidade e da verificação de hipóteses, de evidências e correspondências com a realidade; fundamental para os dados da ciência e da filosofia.

Essa estrutura de mundo cria um padrão de perfil e reação nos sujeitos praticamente nulo em ambos os casos. No máximo, lidamos com um conforto da acessibilidade atrelado ao modelo capitalista e aparentemente, em larga escala, os sujeitos contemporâneos realizam-se em trivialidades deste sistema. A saber, para Žižek, “muitas distopias já imaginaram um futuro semelhante: ficamos em larga medida em casa, trabalhamos de nossos computadores, nos comunicamos via videoconferência, nos exercitamos em aparelhos no canto de nosso home office e ocasionalmente nos masturbamos em frente a uma tela exibindo sexo explícito e encomendamos comida a ser entregue em casa.” (ŽIŽEK, 2020, p. 09)

Essa imersão ao virtual e a forma como se configura nas distopias de Orwell, de Gibson ou na citação de Žižek para atualidade possui todo um aparato que D’Ancona chama de “indústria da desinformação” e que o filósofo esloveno classifica em estágios em que a

---

49 Ver, D’ANCONA, 2018, p. 42.

50 Ibidem, 2018. p. 42.

primeira parada dessa histeria é a negação. “Isso vale também para a crescente ameaça do controle digital sobre nossas vidas. A primeira tendência é a negação: “É um exagero, uma paranóia esquerdista, nenhuma instância pode controlar nossas atividades cotidianas”<sup>51</sup>. Tanto no jornalista quanto no filósofo o que se configura por trás de todo esse caos-surreal que poucos se apercebem é a ligação entre sistema capitalista, ferramentas da tecnociência, alienação e pós-verdade.

O que está em jogo é, inclusive, o declínio do modelo institucional alegando a necessária forma de “pensar”, “ser” e não agir”; como uma estado de inércia aliado às ruínas do que já declaram falido: “Se o fracasso institucional erodiu a primazia da verdade, também para isso contribuiu a indústria multibilionária da desinformação, da propaganda enganosa e da falsa ciência que surgiu nos últimos anos.”<sup>52</sup> Aqui a crise das instituições estaria em D’Ancona atrelada à indústria da desinformação, no entanto, de modo pouco crítico, o jornalista se esquece de subscrever na própria crítica aos descréditos das instituições, os interesses de cunho político fascista, da era midiática e de toda a edificação alienante das estruturas sociais que perfazem a esmo esse caminho distópico atual. Estruturas estas sempre presentes, por mais que por vezes não pareçam ativas, como cita Žižek:

“A atual propagação da epidemia do coronavírus também desencadeou um enorme surto de vírus ideológicos que se encontravam em estado dormente em nossas sociedades: fake news, teorias da conspiração paranoicas, explosões de racismo. A necessidade concreta e bem-fundamentada de implementar quarentenas reverberou nas pressões ideológicas de erguer fronteiras claras e submeter a condições de isolamento “inimigos” que representariam uma ameaça a nossa identidade (ŽIŽEK, 2020, p. 29).

No anúncio de uma saída dessa estrutura quase metabólica em meio à pandemia, o filósofo esloveno recorre a uma saída; a de utilizarmos o “fio de Ariadne” para sair deste velho e mesmo labirinto agora reprogramado ao virtual, fascista e pós-verdadeiro; e a possibilidade de entendermos essa estrutura ao buscarmos uma compreensão mundial de que este labirinto é a velha versão apenas em um novo insight: o insight das mídias, do click, do acesso a toneladas de informação e do descaso informacional, do cessar da evidência e do projeto de falência da verdade em nome do sistema. Podendo haver em meio aos distúrbios globais que assistimos a reconfiguração do sistema, mesmo que com um tom esperançoso, como afirma Žižek: “Minha modesta opinião, contudo, é muito mais radical que essa: arrisco dizer que a epidemia do coronavírus é uma espécie de ataque mental com a “técnica dos cinco

---

51 Ver, ŽIŽEK, 2020, p. 26.

52 Ver, D’ANCONA, 2018, p. 46.

pontos que explodem o coração” a todo o sistema capitalista global – um sinal de que não podemos mais continuar tocando as coisas da mesma forma, e de que é necessária uma mudança radical.” (ŽIŽEK, 2020, p. 30).

Já em D’Ancona e em seu papel de jornalista, cabe uma visão clara e concisa dos fatos que hoje nos vale já como história, por não possuímos a história em si em meio aos fatos vigentes e constantes em terabytes de informação, há de fato para o jornalista uma estrutura hiperconectada de fatos e interesses políticos na efetivação total da pós-verdade.

Saltamos assim da literatura distópica de grandes nomes aqui citados para a realidade de um meio termo de sujeito racional desprovido de certezas, acessível ao todo e comandado por poucos. O sujeito sábio de David Hume que sabe adaptar o que crê às evidências se perdeu desde a modernidade na possibilidade de tornar a verdade algo pouco acessível e produto para poucos. Saltamos talvez não da ampla racionalidade, aquela imensamente engendrada na modernidade das luzes, mas daquele homem/sujeito simples que se realiza quanto espécie da dúvida, o sujeito do [thauma] filosófico como diz Daniel Dennett no texto *Fé na verdade*:

“Somos a espécie que descobriu a dúvida. A comida armazenada será suficiente para o Inverno? Terei feito os cálculos mal? Estará a minha companheira a enganar-me? Deveríamos ter ido para Sul? Será seguro entrar nesta caverna? As outras criaturas são muitas vezes visivelmente inquietadas pelas suas próprias incertezas acerca destas mesmas questões, mas, porque não podem, na verdade, *colocar-se a si mesmas* estas perguntas, não podem articular, perante si próprias, os seus dilemas, nem tomar medidas para aperfeiçoar o seu controle da verdade. [...] Só nós podemos ser arruinados pela dúvida e só nós fomos impelidos por essa inquietação epistêmica a procurar uma cura: melhores métodos de procurar a verdade (DENNETT, 1997, p. 01).

Por fim, temos os sujeitos apáticos de inquietação epistêmica e apenas inseridos quanto sujeitos de uma racionalidade puramente mecânica, por fim mergulhamos no homem descentrado e conectado, racional e desprovido de correspondência de realidade, tecnocientífico e passivo, histórico e inerte em meio a uma estrutura que não só o define e o guia, mas afunda o mesmo em um simulacro de realidade onde agora a vida acontece – com acontecimentos múltiplos e no velho modo de impossibilidade, agora possível, de uma distopia contemporânea. Seu papel ainda pensado na visão simplista – carente de superação – de como este sujeito apercebe-se de si, hoje, é em uma realidade descentrada, hiperconectada, virtual e em sua essência epistemológica, absorta.

## Considerações finais

A realidade entre a pós-verdade e a pandemia nos insere em um contexto de crises de narrativas, instituições, esvaimento da verdade, delírios coletivos e o retorno a espectros totalitários do fascismo geram uma realidade distópica. O não-lugar, o lugar-infeliz das grandes narrativas literárias se sobressaem ao cotidiano em prismas destoantes e efetivações duvidosas. De um lado, o discurso das instituições perfaz os ecos de suas estruturas já não tão sólidas, por outro, a realidade multifacetada, do virtual, do *mass media*, do *input* são fatores fulcrais de inserção do sujeito no “admirável mundo novo” da tecnociência. As grandes narrativas não findaram? A ciência e a verdade chocam-se na construção de uma vida paralela e fundamentalmente virtual e fragmenta; formando um campo vasto só possível nos devires contingentes e em uma nova configuração. A sociedade dos dados, dos fluidos, da liquidez, do fluxo contínuo e vertiginoso do mundo, ao recriar a possibilidade no virtual se desprende das narrativas da ciência e da verdade; e tem no papel perigoso do jogo da política não só uma nova roupagem, mas uma realidade que transpõe o real e imerge em um espectro de distopia da pós-verdade.

## Referências Bibliográficas

- D’ANCONA, Matthew. *Pós-verdade – a nova guerra contra os fatos em tempos de Fake News*. Faro Editorial, São Paulo, 2018.
- DENNETT, Daniel. *Fé na Verdade*. Oxford Amnesty Lectures, Oxford, janeiro de 1997.
- FIRMINO, Thaís; FIRMINO, Thaianne. “Resenha: Pós-verdade - a nova guerra contra os fatos em tempos de Fake News”. In: *Revista Passagens do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará*. Volume 9, nº 1, 2018.
- PLATÃO. *Crátilo*. [Tradução de Maria José Figueiredo] Lisboa: Instituto Piaget, 2001.
- GIBSON, William. *Neuromancer*, São Paulo: Editora Aleph, 1991.
- LYNCH, Michael. *A verdade em um mundo de pós-verdade*. 2016.
- ORWELL, George. *1984*. 29ª ed. São Paulo: Ed. Companhia Editora Nacional, 2005.
- RIDER, Sharon; PETER, Michel. *As profundas raízes culturais da verdade na tradição ocidental*. 2018.
- SOUZA, Eduardo R. *Bem-Vindos A 1984 E Ao Ministério Da Verdade*. PDT, 23 de Abril, 2019. Disponível em: <<https://www.pdt.org.br/index.php/bem-vindos-a-1984-e-ao-ministerio-da-verdade/>>. Acesso em: 20/07/2020.
- ŽIŽEK, Slavoj. *Pandemia – Covid-19 e a reinvenção do comunismo*. Tradução: Artur Renzo. 1 ed. Editora Boitempo. São Paulo, 2020.

American Horror Story. Seriado de TV estadunidense sobre histórias de terror típicas da América do Norte. Disponível em: <<http://www.adorocinema.com/series/serie-10001/>>. Acesso em: 10/08/2020.

*Coronavirus: Russian media hint at US conspiracy*, *BBC News*, 7 fev. 2020. Disponível em: <<https://www.bbc.com/news/world-europe-51413870>>; acesso em: 2 abr. 2020.